

Organizado por

ADOLFO IGNACIO
CALDERÓN

MARCO
WANDERCIL

DORA MARIA
RAMOS FONSECA

SAMILE ANDREA
DE SOUZA VANZ

A construção de
**UNIVERSIDADES DE
CLASSE MUNDIAL**
e
**RANKINGS
ACADÊMICOS**

no espaço do Ensino Superior de Língua Portuguesa
e em outras realidades do mundo

Alfredo Gabriel Buza
Artur Basílio Venturella Alves
Bartolomeu L. Varela
Ellen Hazelkorn
Jamil Salmi
Juliana Lando Canga
Mário Luiz Neves de Azevedo
Martins JC-Mapera
Maynara de Oliveira Ribeiro
Monique Finn Duarte
Nobre Roque dos Santos
Philip G. Altbach

Prefácio por
Margarida Mano

anpae

A construção de **UNIVERSIDADES DE CLASSE MUNDIAL**
e **RANKINGS ACADÊMICOS** no espaço do Ensino Superior
de Língua Portuguesa e em outras realidades do mundo

ORGANIZADORES

Adolfo Ignacio Calderón
Marco Wandercil
Dora Maria Ramos Fonseca
Samile Andrea de Souza Vanz

Alfredo Gabriel Buza
Artur Basílio Venturella Alves
Bartolomeu L. Varela
Ellen Hazelkorn
Jamil Salmi.
Juliana Lando Canga
Mário Luiz Neves de Azevedo
Martins JC-Mapera
Maynara de Oliveira Ribeiro
Monique Finn Duarte
Nobre Roque dos Santos
Philip G. Altbach

PREFÁCIO

Margarida Mano

 **anpae**

2023

ISBN: 97865-87561-40-0

ANPAE

Associação Nacional de Políticas e Administração da Educação

PRESIDENTE

Luiz Fernandes Dourado

VICE-PRESIDENTES

Maria Couto Cunha - Nordeste
Cristiane Machado - Sudeste
Gisele Masson - Sul
Rosilene Lagares - Nordeste
Marilda de Oliveira Costa – Centro-Oeste

DIRETORES

Romilson Martins Siqueira
Diretor Executivo
Vera Bazzo
Diretora Secretária
Alberto Damasceno
Diretor de Projetos Especiais
Maria Angélica Pedra Minhoto
Diretora de Publicações
João Ferreira de Oliveira
Diretor de Pesquisa
Walisson Maurício de Pinho Araújo
Diretora de Intercâmbio Institucional
Janete Maria Lins de Azevedo
Diretora de Cooperação Internacional
Maria Vieira da Silva
Diretora de Formação e Desenvolvimento
Karine Nunes de Moraes
Diretora Financeira
Nilma Lino Gomes
Diretora de Educação e Diversidade
Andrea Barbosa Gouveia
Diretoria de Gestão e Financiamento
Sandra Maria Zákia Lian de Sousa
Diretoria de Gestão e Avaliação
Itamar Mendes
Diretor de Educação em Direitos Humanos

EDITORES

Revista Brasileira de Políticas e Administração da Educação (RBPÁE)

Marcelo Siqueira M. V. Mocarzel
Editor

Daniela da Costa Britto Pereira Lima
Editora Associada

Lúcia Maria de Assis
Editora Associada

Revista Educação Básica em Foco

Dalva Gutierrez
Editora

Emília Peixoto Vieira
Editora

Andreia Ferreira da Silva
Editora Associada

CONSELHO FISCAL

Ana Lúcia Félix dos Santos
Lêda Scheibe
Maria Beatriz Luce
Javan Samir (Suplente)

CONSELHO EDITORIAL

Almerindo Janela Afonso
Universidade do Minho, Portugal

Bernadete Angelina Gatti
Fundação Carlos Chagas, Brasil

Candido Alberto Gomes
Universidade Federal de Brasília, Brasil

Carlos Roberto Jamil Cury
PUC-Minas/UFMG, Brasil

Célio da Cunha
Universidade de Brasília, Brasil

Edivaldo Machado Boaventura
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Reimers
Harvard University, EUA

João Barroso
Universidade de Lisboa, Portugal

João Ferreira de Oliveira
Universidade Federal de Goiás, Brasil

João G. de Carvalho Meneses
Universidade Cidade de São Paulo, Brasil

Juan Casassus
Academia de Humanismo Cristiano, Chile

Licínio Carlos Lima
Universidade do Minho, Portugal

Lisete Regina Gomes Arelaro
Universidade de São Paulo, São Paulo

Luiz Fernandes Dourado
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Márcia Angela da Silva Aguiar
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Maria Beatriz Moreira Luce
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Nalú Farenzena
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Maria Beatriz Moreira Luce
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Nalú Farenzena
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Rinalva Cassiano Silva
Universidade Metodista de Piracicaba, Brasil

Sofia Lerche Vieira
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Steven J. Klees
University of Maryland, EUA

Walter Esteves Garcia
Instituto Paulo Freire, Brasil

SOBRE A BIBLIOTECA VIRTUAL

A Biblioteca Virtual da ANPAE constitui um programa editorial que visa publicar obras especializadas sobre temas de política e gestão da educação e seus processos de planejamento e avaliação. Seu objetivo é incentivar os associados a divulgar sua produção e, ao mesmo tempo, proporcionar leituras relevantes para a formação continuada dos membros do quadro associativo e o público interessado no campo da política e da gestão da educação.

Editora da ANPAE, 2023

Livro digital.

Direitos desta edição reservados às editoras, com acesso livre e gratuito para leitura e download diretamente da Biblioteca Virtual da Anpae:

<https://www.seminariosregionaisanpae.net.br/BibliotecaVirtual/index.html>

FICHA CATALOGRÁFICA

C146c

A construção de universidades de classe mundial e rankings acadêmicos no espaço do Ensino Superior de língua portuguesa e em outras realidades do mundo. Organizadores: Adolfo Ignacio Calderón, Marco Wandercil, Dora Maria Ramos Fonseca e Samile Andrea de Souza Vanz, Brasília, Anpae, 2023.

Acesso: www.anpae.org.br

Páginas: 208. Suporte: e-book. Formato: PDF

ISBN: 97865-87561-40-0

1. Rankings acadêmicos. 2. Governança universitária. 3. Ensino superior. 4. Universidades de Classe Mundial. 5. Outras realidades do mundo I. Calderón, Adolfo Ignacio. II. Wandercil, Marco. III. Fonseca, Dora Maria Ramos IV. Vanz, Samile Andrea de Souza V. Título.

CDU 378.4(811)/49

Apoio: 


Rede ANKINTACS
Rede Nacional de Apoio à Pesquisa em Políticas, Gestão e Avaliação da Educação Superior

Todos os arquivos aqui publicados são de inteira responsabilidade dos autores e coautores. Os artigos assinados refletem as opiniões dos seus autores e não as da ANPAE, seu Conselho Editorial ou sua Direção.

ANPAE

Associação Nacional de Políticas e Administração da Educação

Fundação Universidade de Brasília –
Faculdade de Educação
Campus Universitário Darci Ribeiro, Asa
Norte, Brasília, DF - 70410-900

anpae@anpae.org.br
publicacao@anpae.org.br
<https://www.anpae.org.br>

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Ícaro Vitti Quartarolo

(Planejamento Gráfico e capa)

icaro.dezembro@hotmail.com

REVISÃO TEXTUAL (LÍNGUA PORTUGUESA)

Tânia Aparecida Ferreira

taniaredatora@gmail.com

TRADUÇÃO TEXTUAL (LÍNGUA INGLESA)

Adolfo Ignacio Calderón

adolfo.ignacio@puc-campinas.edu.br

COLABORADOR

Carlos Alexandre Lapa de Aguiar

carlosaguiar48@gmail.com

Os autores autorizam o armazenamento desta obra em repositórios educacionais, bibliotecas virtuais e digitais com acesso aberto

The authors authorize the storage of this work in educational repositories, virtual and digital libraries with open access

CAPÍTULO 10

As Universidades Brasileiras nos rankings universitários internacionais: desempenho e divulgação⁶³

Monique Finn Duarte

Artur Basilio Venturella Alves

Samile Andrea de Souza Vanz

Introdução

Os rankings universitários se propagaram nos últimos anos ao avaliar universidades públicas e privadas, inseridas em diferentes contextos - regionais, nacionais ou internacionais. A amplitude das atividades desenvolvidas no âmbito destas instituições - ensino, pesquisa, extensão, interação com a sociedade -, somada à diversidade econômica, social e cultural dos países onde estas universidades estão instaladas, resulta na inviabilidade de uma avaliação completa (Altbach; Hazelkorn, 2018, Hazelkorn, 2019). A qualidade é, portanto, afirmada a partir de um ponto de vista assumido por cada ranking, ao estabelecer uma hierarquia onde as universidades que estão no topo são “melhores” que as universidades abaixo delas.

Cada ranking universitário possui seus próprios indicadores com pesos pré-determinados de acordo com a intenção da classificação, fornecendo uma visão específica de uma mesma universidade. Algumas listas geram uma pontuação que possibilita, facilmente, a hierarquização das universidades, permitindo classificá-las de um modo geral ou de acordo com algum indicador particular. Na maior parte dos casos, os rankings analisam a produtividade científica e o impacto de uma instituição, tendo como base os indicadores bibliométricos de produção científica, citações, colaboração e internacionalização. Alguns rankings, no entanto, lançam mão de indicadores qualitativos, coletados a partir de pesquisa de opinião. Ambas as abordagens apresentam vantagens e desvantagens (Van Raan, 2005; Taylor; Braddock, 2007; Vanz, 2018).

Os rankings universitários não possuem uma regulamentação pré-estabelecida, porém, contam com um conjunto de diretrizes do *Berlin Principles on Ranking of Higher Education Institutions*, resultado de uma parceria do European Centre for Higher Education da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO-CEPES) e o Institute for Higher Education Policy, que estipulam algumas práticas recomendadas às classificações. A ênfase está nas boas práticas que podem ser incorporadas para a melhoria dos rankings (Institute For Higher Education Policy, 2006).

⁶³ **Financiamento:** Esta pesquisa é financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo 304736/2019-8; pela Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Iniciação Científica; e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS) Processo 19/2551-0001968-8.

Os rankings acadêmicos acabam por gerir a competitividade entre as universidades ao avaliarem sua produção científica, qualidade do corpo docente e a interação com a sociedade. Segundo Robertson (2009), a classificação das universidades torna-se uma corrida em busca de reputação, visto que quem atinge as colocações mais ao topo são as universidades que ganharão mais status e financiamentos. Os rankings acadêmicos internacionais, também impactam na forma como as universidades atraem novos alunos e professores, na arrecadação de insumos via políticas públicas de incentivo ao desenvolvimento científico e tecnológico e na própria gestão interna das universidades, tornando-as mais ou menos cativantes (Righetti, 2018; Axel-Berg 2018).

O modelo de ranking universitário que conhecemos hoje surgiu nos Estados Unidos, na década de 80, com o intuito de analisar e classificar as melhores universidades no âmbito nacional. O US News & World Report Ranking surgiu em 1983 propondo a classificação das universidades nacionais e buscando oferecer aos estudantes e ao seu núcleo familiar a oportunidade de encontrar todas as informações pertinentes para escolher a melhor universidade para estudar. A partir dessa iniciativa, surgiram outros rankings nacionais como: o ranking chinês Wo Shulian, em 1987 (Righetti, 2016); e o ranking alemão Center for Higher Education University Ranking (CHE), em 1998 (Fausto; Mugnaini, 2013). No entanto, foi somente com a publicação do Academic Ranking of World Universities (ARWU), em 2003, que os rankings universitários começaram a se popularizar no meio acadêmico e a se tornar globais (Rauhvargers, 2011).

O estudo sobre os rankings universitários é relevante por divulgar uma análise do desempenho das universidades que eles avaliam. O Brasil está representado nos rankings acadêmicos internacionais por universidades públicas e privadas que acabam por “competir” com universidades estrangeiras que possuem maior ou menor reputação científica, que recebem mais ou menos investimento e que possuem trajetórias diferentes (Morandin; Silva; Vanz, 2020). Muitas universidades brasileiras têm acompanhado seus desempenhos nessas classificações. Como uma estratégia de marketing, publicam notícias em seus canais de comunicação (Alvez; Dressler; Vanz, 2019), com o intuito de divulgar a sua posição em determinado ranking e como ela está em comparação com as demais instituições nacionais ou internacionais.

Este trabalho objetiva apresentar o desempenho das universidades brasileiras nos rankings universitários internacionais mais populares e analisar a divulgação de notícias publicadas por estas universidades. Foram identificadas 54 universidades brasileiras presentes no Academic Ranking of World Universities (ARWU), Leiden Ranking, QS World University Ranking e THE World University Ranking, edições de 2020/2021. As seções a seguir apresentam os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, os resultados da análise do desempenho e da análise das notícias. Por fim, são apresentadas as conclusões.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa tem caráter exploratório com abordagem qualitativa. O estudo atualiza a pesquisa realizada por Vanz *et al.* (2018), baseada em quatro rankings acadêmicos internacionais: ARWU, Leiden Ranking, QS e THE. O levantamento de dados foi delimitado às edições 2020 do ARWU; edição 2020 do Leiden Ranking; edição 2020/2021 do ranking QS; e a edição 2020/2021 do ranking THE.

A coleta dos dados foi realizada entre fevereiro e março de 2021 diretamente nos websites oficiais dos rankings para verificar o número de universidades avaliadas e o número de universidades brasileiras ranqueadas. Primeiramente os dados referentes aos indicadores foram dispostos em tabelas em um documento editável no Excel, e os dados sobre as definições dos rankings foram copiados diretamente para um documento editável no Word. Para coletar os dados das publicações das últimas edições dos rankings universitários, fez-se necessário a consulta aos documentos oficiais dos rankings para identificação das universidades brasileiras que foram ranqueadas, com suas posições e as notas dos respectivos indicadores de desempenho. Os mapas foram construídos com o software Philcarto utilizando círculos proporcionais de raio 23.

A análise do desempenho das universidades brasileiras revelou 54 universidades presentes nos rankings ARWU, Leiden Ranking, QS e THE, edições 2020/2021. A segunda parte deste estudo recuperou 582 notícias publicadas por estas universidades entre os anos de 2010 e 2020. A coleta das notícias foi realizada nos meses de março e julho de 2021, em duas etapas. Em um primeiro passo, buscou-se dentro da aba de pesquisa do site das 54 instituições os termos “ranking” e “rankings internacionais”. Em um segundo momento foi feita a busca no Google, através da expressão de pesquisa que delimita a recuperação daqueles conteúdos que estão presentes nos sites das mesmas instituições: “rankings internacionais site:(**URL da instituição**)”, bem como “ranking site:(**URL da instituição**)”. Essa segunda estratégia de pesquisa permitiu recuperar notícias da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por exemplo, que não localizava nada sobre rankings através da janela de pesquisa de seu site.

É importante ressaltar que se acredita existirem mais notícias, para além das que foram recuperadas, que não aparecem nos resultados mostrados. De maneira frequente os navegadores e mecanismos de busca acabam por devolver resultados que sejam compatíveis com perfil de cada usuário, escondendo resultados possivelmente relevantes por conta de seus algoritmos de busca, localização geográfica dentre outros fatores (Xing *et al.*, 2014). A possibilidade de substituição de servidores e local de hospedagem do site das universidades ao longo do período de coleta também pode ser fator que limita os resultados de uma coleta retrospectiva como a realizada por este estudo.

Após coleta as notícias foram organizadas em uma planilha Excel contendo a URL da página juntamente com a data da coleta e data de

publicação. O download de cada notícia em formato PDF foi realizado para preservar os dados da pesquisa. As notícias foram analisadas de forma quantitativa, para identificar o número total de publicações encontradas, bem como o número de notícias publicadas por ano. Em seguida foi feita a leitura completa e categorização das notícias a partir das temáticas, seguindo procedimentos de análise de conteúdo (Bardin, 2016). Os resultados são apresentados a seguir.

Desempenho das Universidades Brasileiras nos Rankings ARWU, Leiden Ranking, QS e THE

Na edição de 2020 do ARWU há 22 universidades públicas brasileiras, sendo quatro universidades estaduais e 18 universidades federais. Na edição de 2020 do Leiden Ranking, foram ranqueadas 30 universidades públicas brasileiras, sendo seis universidades estaduais e 24 universidades federais. Na edição de 2020/2021 do QS, foram ranqueadas 22 universidades brasileiras, sendo três universidades privadas, cinco universidades estaduais e 14 universidades federais. Dentre os rankings universitários internacionais estudados, o THE é o que ranqueou o maior número de universidades brasileiras com um total de 52 universidades, sendo sete universidades privadas, 11 universidades estaduais e 34 universidades federais.

Por apresentarem metodologias que diferem em alguns aspectos, os resultados que os rankings acadêmicos divulgam divergem quanto ao volume de universidades brasileiras ranqueadas, pontuações e, conseqüentemente, posições ocupadas por cada universidade. O Quadro 1 apresenta as universidades ranqueadas e posições, as cores indicam a presença das universidades de acordo com o quantitativo de rankings.

Quadro 1 – Desempenho das universidades brasileiras nos rankings ARWU, LEIDEN, QS e THE, nas edições de 2020 e 2020/21

Universidade	ARWU	LEIDEN	QS	THE	Estado	Esfera
USP	101-150	7	115	201-250	SP	Estadual
UNESP	301-400	137	493	801-1000	SP	Estadual
UNICAMP	301-400	178	233	401-500	SP	Estadual
UFMG	401-500	274	651-700	601-800	MG	Federal
UFRJ	401-500	231	380	801-1000	RJ	Federal
UFRGS	401-500	195	701-750	601-800	RS	Federal
UFPR	601-700	524	801-1000	1001+	PR	Federal
UNIFESP	601-700	444	420	601-800	SP	Federal
UFSC	701-800	459	801-1000	601-800	SC	Federal
UFSCAR	701-800	619	801-1000	1001+	SP	Federal
UFF	701-800	685	1001+	1001+	RJ	Federal
UNB	701-800	625	801-1000	801-1000	DF	Federal
UFPE	801-900	581	801-1000	1001+	PE	Federal
UFV	801-900	675	1001+	1001+	MG	Federal
UFBA	901-1000	853	1001+	1001+	BA	Federal
UFC	901-1000	684	1001+	1001+	CE	Federal
UFSM	901-1000	651	1001+	1001+	RS	Federal
UERJ	901-1000	858	1001+	1001+	RJ	Estadual
UFPEL	801-900	958	-	801-1000	RS	Federal

A CONSTRUÇÃO DE UNIVERSIDADES DE CLASSE MUNDIAL E RANKINGS ACADÊMICOS NO ESPAÇO DO ENSINO SUPERIOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E EM OUTRAS REALIDADES DO MUNDO

Universidade	ARWU	LEIDEN	QS	THE	Estado	Esfera
UFRN	801-900	733	-	1001+	RN	Federal
UEL	-	981	1001+	1001+	PR	Estadual
UFG	801-900	828	-	1001+	GO	Federal
UFMS	901-1000	-	-	1001+	MS	Federal
UEM	-	795	-	1001+	PR	Estadual
UFPB	-	934	-	1001+	PB	Federal
UFU	-	936	-	1001+	MG	Federal
UFPA	-	972	-	1001+	PA	Federal
UFLA	-	1021	-	1001+	MG	Federal
UFES	-	1069	-	1001+	ES	Federal
UFJF	-	1143	-	1001+	MG	Federal
PUC-Rio	-	-	651-700	601-800	RJ	Privada
PUC-RS	-	-	1001+	801-1000	RS	Privada
UFMT	-	1065	-	-	MT	Federal
PUC-SP	-	-	801-1000	-	SP	Privada
UFS	-	-	-	601-800	SE	Federal
UCS	-	-	-	1001+	RS	Privada
UECE	-	-	-	1001+	CE	Estadual
UFABC	-	-	-	1001+	SP	Federal
UFAL	-	-	-	1001+	AL	Federal
UFCSPA	-	-	-	1001+	RS	Federal
UNIFEI	-	-	-	1001+	MG	Federal
UFMA	-	-	-	1001+	MA	Federal
UFOP	-	-	-	1001+	MG	Federal
UFPI	-	-	-	1001+	PI	Federal
UFERSA	-	-	-	1001+	RN	Federal
UTFPR	-	-	-	1001+	PR	Federal
UNIFOR	-	-	-	1001+	CE	Privada
PUC-MG	-	-	-	1001+	MG	Privada
PUC-PR	-	-	-	1001+	PR	Privada
UDESC	-	-	-	1001+	SC	Estadual
UEPG	-	-	-	1001+	PR	Estadual
UESC	-	-	-	1001+	BA	Estadual
UNISINOS	-	-	-	1001+	RS	Privada
UNIOESTE	-	-	-	1001+	PR	Estadual

Fonte: elaborado pelos autores.

Nota: Amarelo – presente em quatro rankings

Verde – presente em três rankings

Laranja – presente em dois rankings

Azul – presente em um ranking

Para o Leiden Ranking foi considerado o indicador P do impacto científico que se fundamenta no volume de produção científica publicada pelas universidades.

No ARWU, a Universidade de São Paulo (USP) foi a universidade brasileira melhor colocada (posição 101-150), sendo, então, uma das 150 melhores universidades do mundo. Entre as melhores 400 universidades do mundo estão a Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E entre as 500 melhores universidades do mundo, de acordo com o ARWU, também se encontram a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), UFRJ e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Em 2016, o ARWU ranqueava as melhores 500 universidades do mundo, volume que aumentou para 1.000 universidades em 2020 (ARWU, 2020). O número de universidades brasileiras classificadas também aumentou, de seis universidades em 2016 (USP, UFMG, UFRJ, UNESP, UFRGS e UNICAMP) (Vanz *et al.*, 2018) para 22 universidades em 2020 (Quadro 1), uma ampliação de 16 universidades. Ao comparar estes resultados com os obtidos por Vanz e colaboradores (2018), observou-se que algumas universidades mantiveram suas posições, como a USP, a UNESP e a UFRGS, outras decaíram de posição, como a UFMG e UFRJ, ambas foram da posição 301-400 para 401-500. Apenas a UNICAMP conseguiu ascender na classificação, que passou da posição 401-500 para a posição 301-400.

O Leiden Ranking ranqueou 1176 universidades em sua edição 2020, a partir de quatro indicadores principais para se analisar a produção científica de uma universidade. Observando-se o indicador impacto científico, de acordo com o número total de publicações (P) e sem considerar as publicações em colaboração, a universidade brasileira melhor colocada foi a USP. As universidades UNESP, UNICAMP e UFRGS estão entre as 200 melhores, e as universidades UFRJ, UFMG, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) se encontram entre as melhores 500 universidades neste indicador.

Ao comparar estes resultados com os obtidos por Vanz e colaboradores (2018), percebeu-se que as posições das universidades no Leiden Ranking também sofreram alterações. Algumas universidades subiram posições: USP (da 11 para 7); UNESP (da 192 para 137); UNICAMP (da 193 para 178); UFRGS (da 255 para 195); e UFMG (da 316 para 274). UFRJ e UNIFESP perderam posições, respectivamente, de 213 para 231, e de 368 para 444, ambas mantendo-se entre as 500 melhores universidades. A UFSC subiu da posição 531, em 2016, para a posição 459, entrando para a lista das melhores 500 universidades do Leiden Ranking.

No QS, que analisou cerca de 4.700 IES e ranqueou as melhores 1.000 na edição 2020/2021 (Collier, 2021), a universidade com maior destaque foi a USP, posicionada entre as melhores 200 universidades. Entre as 500 melhores despontam a UNICAMP, a UFRJ, a UNIFESP e a UNESP. Em 2016, o QS ranking analisava um total de 916 universidades, sendo 22 universidades brasileiras ranqueadas (Vanz *et al.*, 2018). Na edição 2020/2021, o QS ranqueou 1.000 universidades, no entanto, o número de universidades brasileiras presentes se manteve. Ao comparar as edições, percebe-se que apenas a USP, a UNIFESP e a UNESP conseguiram subir na classificação. A USP, em 2016, ocupava a posição 120, e UNIFESP e UNESP estavam na posição 501-550. As demais universidades decaíram na classificação.

As universidades posicionadas entre as melhores 500 no QS foram a USP (201-250) e a UNICAMP (401-500). Ao comparar com a edição de 2016, percebe-se que apenas a USP conseguiu subir na classificação, passando da posição 251-300 para a posição 201-250. As universidades UNICAMP, UFMG, UFRGS, UFSC, UNIFESP e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

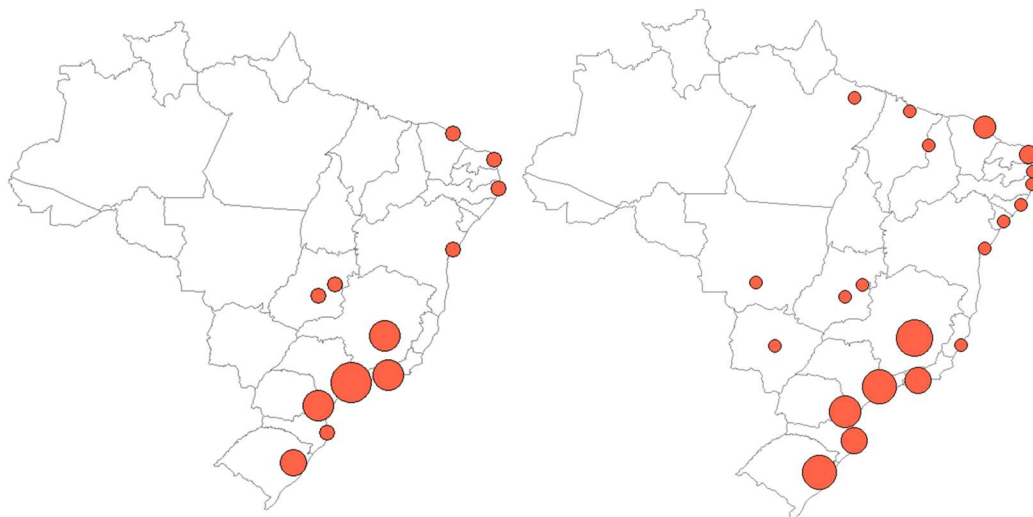
(PUC-Rio), conseguiram se manter na posição. As demais universidades decaíram de posição.

Na edição de 2016, o THE ranqueou 980 universidades e listou 27 universidades brasileiras (Vanz *et al.*, 2018). Na edição de 2021, o THE aumentou o número de universidades ranqueadas para 1.526, o que também levou a um acréscimo de universidades brasileiras presentes no ranking, sendo 52 universidades brasileiras na edição de 2020/2021. Entre as novas universidades presentes na classificação, três se destacaram entre as melhores 1.000 universidades, entre elas: a Universidade Federal de Sergipe (UFS) (601-800), a Universidade de Brasília (UNB) (801-1000) e a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) (801-1000). As demais novas universidades classificadas no ranking são: Universidade Federal do Alagoas (UFAL), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

Nos quatro rankings a USP foi a universidade com maior destaque, figurando em primeiro lugar entre as brasileiras. As demais universidades sofreram variações de posições ao longo dos anos, quando comparado à estudos anteriores (SANTOS; NORONHA, 2016). Ao considerar as cinco melhores universidades de cada ranking, percebe-se que apenas a USP mantém a posição em todos os rankings. As universidades estaduais paulistas USP, UNICAMP e UNESP participam de um projeto que visa o acompanhamento do desempenho acadêmico, apontando caminhos para que as instituições estejam presentes nas comparações internacionais (MÉTRICAS.EDU, 2021). Tal iniciativa revela-se uma estratégia muito importante como suporte aos gestores acadêmicos.

A Figura 1 mostra o grande crescimento no volume de Estados brasileiros representados através de universidades classificadas nas edições de 2020/2021 dos rankings ARWU, Leiden, QS e THE. Em 2016 havia 12 Estados representados (Vanz *et al.*, 2018). Em 2020/2021 a distribuição de universidades se dá por 21 Estados brasileiros. São Paulo e Rio de Janeiro mantiveram o número de universidades (sete), enquanto outros Estados apresentaram novas representantes, como Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Figura 1 – Mapa representativo do volume de universidades por estado brasileiro nas edições dos rankings ARWU, Leiden, QS e THE, nas edições 2016 (a) e 2020/2021(b)



Fonte: dados dos autores, mapa construído com Philcarto.

Ao comparar os indicadores utilizados pelos rankings na edição 2020/2021 com suas edições de 2016, analisadas por Vanz e colaboradores (2018), observa-se que apenas o Leiden Ranking apresentou novidades. Foram acrescentados indicadores para mensurar as publicações em acesso aberto e indicadores para identificar o gênero dos pesquisadores. Considerando-se sua relevância, estes indicadores são detalhados a seguir.

São considerados indicadores de acesso aberto (AA) as publicações AA, douradas, híbridas, bronze, verdes e aquelas de status desconhecido. Tal indicador é extremamente relevante para países como o Brasil, que ocupa a primeira posição no que diz respeito ao volume de revistas publicadas em acesso aberto (Directory Of Open Access Journals, 2021). A tradição brasileira no movimento de acesso aberto foi construída por iniciativas como a Scielo (Packer; Meneghini, 2014) e a ampla adesão ao sistema de gerenciamento de revistas Open Journal System (OJS) (Vanz; Silva Filho, 2019). O uso de indicadores de acesso aberto pelo Leiden Ranking demonstra engajamento à uma realidade internacional, que busca ampliar o acesso ao conhecimento científico.

O indicador de gênero pondera o número de autorias masculinas e femininas, em relação ao volume total de autorias, autorias por gênero e autorias de gênero desconhecido da universidade. O gênero dos autores é obtido através da checagem dos nomes em softwares que determinam o gênero, quais sejam: Gender API, Genderize.io e Gender Guesser. Caso nenhum software seja suficiente para afirmar o gênero dos autores, o gênero é considerado como desconhecido. O Leiden Ranking também demonstra pioneirismo ao incorporar este indicador que vem ganhando força nas discussões sobre políticas científicas. Percebe-se que os rankings atualizam suas metodologias e indicadores utilizados para avaliação de acordo com os movimentos observados entre a comunidade científica.

A seguir são apresentados os resultados referentes às notícias que as universidades publicaram sobre rankings.

Análise das notícias publicadas pelas universidades

Foram recuperadas 582 notícias sobre rankings universitários, publicadas pelas 54 instituições de ensino superior previamente identificadas neste trabalho. A USP desponta como a universidade que mais publicou sobre o tema, com um total de 94 notícias publicadas entre os anos de 2010 e 2020. As demais universidades apresentaram os seguintes resultados: UNESP e UNB ambas com 26 notícias; UFRGS e Universidade Federal de Lavras (UFLA) com 20 notícias; UFMG e UFSC com 19 notícias; UNICAMP, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) com 18 notícias; Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) com 16 notícias; UFJF com 14 notícias; Universidade Federal do ABC (UFABC), Universidade Federal do Ceará (UFC) e UFPEL com 13 notícias; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) com 12 notícias; Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) com 11 notícias; Universidade Federal Fluminense (UFF), UFES, UFMS e UNIOESTE com 10 notícias; PUC-Rio com nove notícias; UFRJ, UFBA e UNIFOR com oito notícias; UTFPR com sete notícias; UNIFESP, Universidade Estadual de Londrina (UEL), UFPB e Universidade Estadual do Ceará (UECE) com seis notícias; UFU, Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e UESC com cinco notícias; Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade Federal de Goiás (UFG), UDESC e UFERSA com quatro notícias; UFAL, UFMA, UFES e PUC-MG com três notícias; Universidade de Caxias do Sul (UCS), UFPA, UFCSPA e UNISINOS com duas notícias; UNIFEI e UEPG com apenas uma notícia. Não foram encontradas notícias publicadas pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e UFPI.

O volume de notícias publicado é bastante discrepante entre as universidades estudadas. É possível observar que 66,7% das instituições (36) publicaram 10 notícias ou menos sobre rankings. Dentre elas estão sete (de um total de oito) universidades privadas presentes no estudo. Considerou-se pequeno o volume de notícias veiculado pelas universidades particulares, tendo em vista que os rankings são uma forma destas instituições se diferenciarem de outras universidades em um momento em que, conforme Hazelkorn (2013), cada vez mais alunos estão se utilizando dos rankings na hora de escolher a universidade para estudar.

Observaram-se alguns casos de universidades bem colocadas nos rankings internacionais que possuem um número relativamente pequeno de notícias publicadas sobre o tema. É o caso da UFRJ, que teve apenas oito notícias recuperadas para o período estudado; e da UNIFESP, que publicou apenas seis notícias.

A análise do ano de publicação das notícias revela que a maior parte (67,8%) foi publicada a partir de 2018, conforme dados apresentados no

Gráfico 1. Uma das hipóteses para tal resultado pode ter relação com a entrada de muitas universidades brasileiras nos rankings universitários nos últimos anos, conforme apresentado na seção anterior. Vale ressaltar que esse aumento na publicação de notícias também pode estar relacionado à melhora individual de desempenho nos rankings.

O resultado também pode indicar o aumento pelo interesse da divulgação dos resultados obtidos por parte das universidades que já estavam presentes há mais tempo nos rankings. Pode ser o caso das seguintes instituições, que vem ampliando a veiculação de notícias a partir de 2018: UFABC, PUC-RS, PUC-Rio, UFLA, UFES, UEM, UFMS, UFPEL, UFSM, UFC, UFPE, UNB, UFSC, UFPR, UFRGS, UFMG, UNICAMP e UNESP.

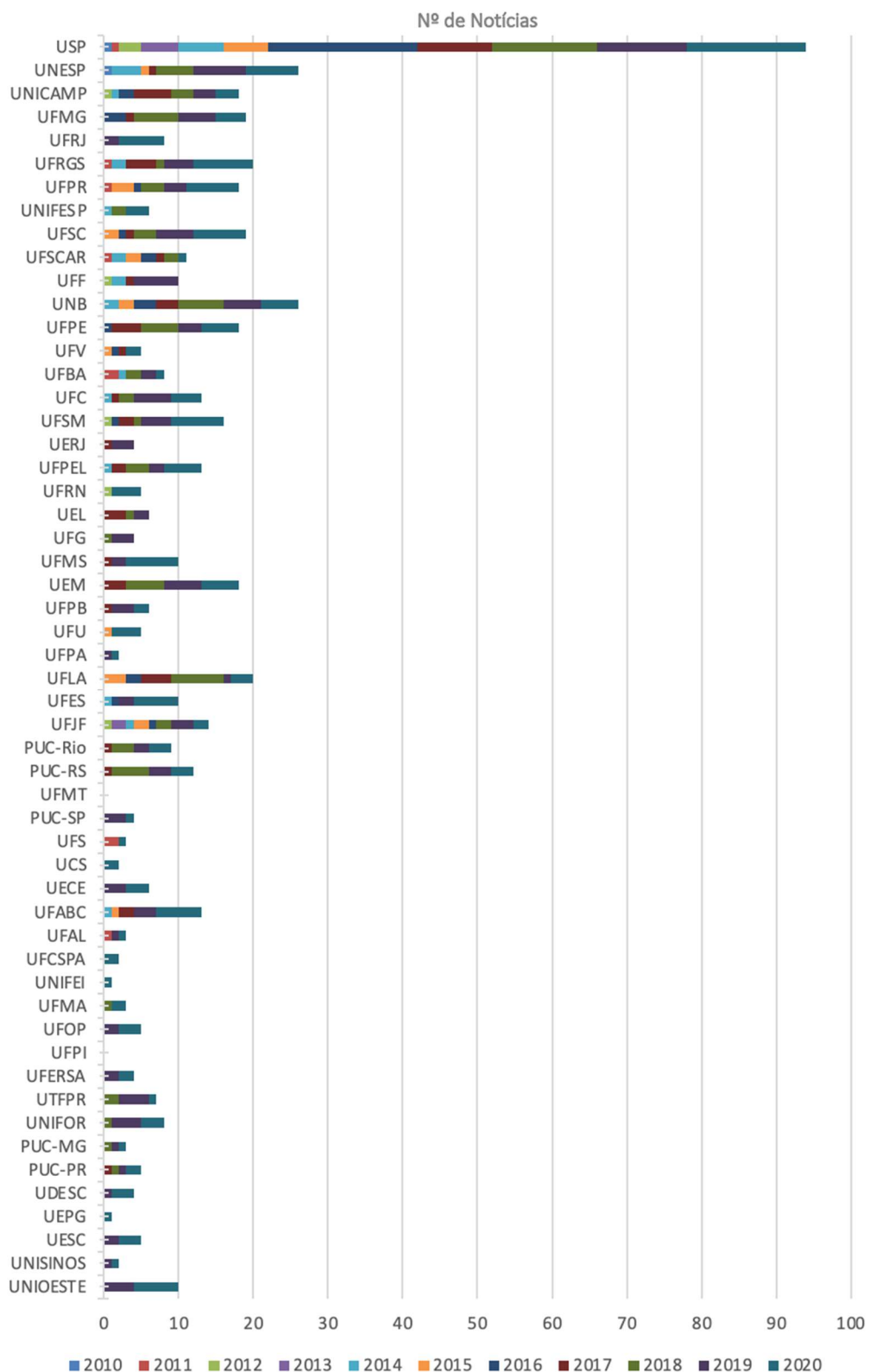
O Gráfico 1 foi criado de acordo com o posicionamento das universidades brasileiras nos rankings, apresentado no Quadro 1. Observa-se que existe relação entre a posição das universidades nos rankings e a quantidade de notícias publicadas. É possível observar pela extensão das barras no gráfico que quanto pior a posição que estas universidades ocupam nos rankings, menor a quantidade de notícias publicadas. O levantamento permite reiterar a ideia de que as universidades publicam poucas notícias sobre rankings, de forma sazonal, especialmente após o lançamento das novas edições, conforme já apontado por Alves, Dressler e Vanz (2019).

A análise de conteúdo permitiu conhecer o que as universidades publicam sobre rankings internacionais. As notícias publicadas possuem escopo bem diversificado. Foram observadas quatro categorias diferentes de notícias: notícias de divulgação de resultados (544 notícias); notícias sobre ações para melhorar o desempenho nos rankings (25 notícias); notícias que contrariam os rankings e suas metodologias (oito notícias); notícias de cunho educativo sobre rankings (cinco notícias).

A categoria onde se encaixou o maior número de notícias foi a que publica resultados obtidos nos rankings internacionais. É uma categoria observada nas notícias de todas as universidades. Do total de 582 notícias encontradas, 544 (93,4%), são notícias de publicação dos resultados dos rankings.

Gráfico 1- Volume de notícias recuperadas por ano (2010-2020) pelas 54 universidades brasileiras presentes nos rankings ARWU, Leiden, QS e THE edição 2020/2021

A CONSTRUÇÃO DE UNIVERSIDADES DE CLASSE MUNDIAL E RANKINGS ACADÊMICOS NO ESPAÇO DO ENSINO SUPERIOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E EM OUTRAS REALIDADES DO MUNDO



Fonte: elaborado pelos autores

Apesar de uma considerável variação em seus conteúdos, de modo geral, essas notícias possuem características que podem ser observadas facilmente.

Uma destas características é a manchete, que apresenta frase chamativa para o desempenho da instituição. Por exemplo: “UEL é destaque no QS University Rankings”, publicada pela UEL em 2017; “UFV está entre melhores universidades do mundo”, publicada pela UFV em 2015; ou ainda, “USP é a 115^a melhor universidade do mundo, segundo ranking QS”, publicada pela USP em 2020.

Manchetes como estas podem ser encontradas em todas as instituições que publicaram notícias sobre rankings, sempre chamativas, com a utilização de palavras como “melhor”, “sobe”, “lidera” ou “destaque”. Entretanto, ao analisar o corpo do texto, na maioria dos casos as notícias quase não apresentam detalhes ou explicações acerca do indicador em que a universidade se destaca. Manchetes assim podem ser consideradas um *clickbait* (“isca de clique”), ou seja, uma manchete que chama atenção, porém apresenta pouco conteúdo. Marcovitch (2018), argumenta que a publicação dos resultados obtidos pelas universidades nos rankings funciona com uma prestação de contas, promovendo também uma documentação de avaliação histórica da instituição.

Também foram vistos outros casos interessantes, como as instituições que publicam não apenas sobre seus resultados, mas sim resultados seus juntamente a outras universidades. Tais casos podem ser observados com os exemplos: “Universidades Estaduais ganham destaque em novo ranking da revista Times Higher Education”, publicado pela UNIOESTE em 2019; e “Universidades brasileiras ampliam presença em ranking da THE”, publicada pela UESC em 2019.

Algumas universidades também publicam seus resultados em inglês. UNESP, UNICAMP, UFRJ, UFRGS, UFPEL e UFJF, foram as universidades onde se verificou notícias em inglês. Mesmo sendo apenas uma tradução dos artigos originais em português, estas notícias em inglês podem demonstrar interesse em divulgar internacionalmente seus resultados, com intuito de atrair a atenção do potencial público estrangeiro, sejam alunos, professores e pesquisadores, parcerias para convênios e pesquisa em colaboração. Conforme argumenta Hazelkorn (2019) está é uma das principais finalidades dos rankings.

O segundo grupo de notícias observado é o das notícias em que as universidades divulgam ações que visam a melhora de suas posições nos rankings internacionais. Das 54 universidades estudadas, 19 delas publicaram alguma notícia relacionada a este tema, totalizando 25 notícias. Um caso bem proeminente em relação a este tipo de notícias é o da UFLA, a instituição que mais publicou notícias deste gênero, cinco ao total. Em relação ao conteúdo destas notícias, quatro veiculam pedidos que a instituição faz a seus ex-alunos para que respondam a um questionário sobre empregabilidade, evidenciando que a pesquisa tem como intuito ajudar a UFLA a melhorar seus indicadores de rankings internacionais. A manchete, publicada em 2016, dispõe: “Ex-aluno: sua ajuda poderá elevar a posição da UFLA nos rankings internacionais”. Notícias similares foram publicadas pela UFLA em 2017 e 2018.

As ações de internacionalização também foram noticiadas. A UFSM publicou em 2019: “Adoção do inglês em disciplinas curriculares é tema de pesquisa on-line com professores da UFSM”, justificando a atitude como uma forma de “incentivar alianças estratégicas para incrementar a produção de conhecimento e ascender nos rankings internacionais.” (UFSM, 2019). A colaboração internacional é um indicador explícito utilizado pelo ranking THE, conforme apresentado na seção anterior. No entanto, consiste em indicador indireto dos outros rankings, a partir da pesquisa publicada em revistas relevantes e bases de dados internacionais (Leal; Stallivieri; Moraes, 2018). A busca por parceiras internacionais leva, indiretamente, à melhora no desempenho e à ampliação de financiamentos.

Também foram observadas notícias sobre acordos internacionais e relevância dos parceiros, como a publicada pela UFPEL em 2014: “Assinado acordo de cooperação internacional entre UFPEL e a Universidade de Melbourne”, que destacou que a parceira é “a principal instituição de ensino superior e de pesquisa da Austrália e ocupa a posição 34 no Times Higher Education ranking” (UFPEL, 2014); “Assinado acordo de cooperação com a Universidade de Tóquio”, publicada pela UTFPR em 2019, enfatizando que “[...] a Universidade de Tóquio é a 22ª melhor do mundo, segundo o QS Ranking, e a 36ª, segundo o Times Higher Education World University Rankings (THE).” (UTFPR, 2019).

Outro exemplo interessante de ser apresentado é de uma notícia de 2011 que foi publicada por três instituições - UFRGS, UFBA e UFAL - “MEC faz plano para ajudar país a subir em rankings”. Essa notícia originalmente publicada pela Folha de São Paulo, comenta acerca da preocupação do MEC com as posições que as universidades brasileiras ocupavam na época, em relação a outros países do mundo. A notícia mostra que rankings não são só uma preocupação de universidades brasileiras há algum tempo, como também de ministérios nacionais.

A terceira categoria de notícias que pode ser destacada são aquelas que envolvem opiniões críticas aos rankings. Ao contrário dos dois grupos anteriores, onde se observou a participação de muitas instituições, esta categoria de notícias de cunho mais crítico foi ocupada por poucas instituições, caracterizadas por ótimo desempenho. Foram apenas oito notícias nesta categoria, publicadas por USP, UNICAMP e UFMG.

A UNICAMP publicou cinco destas notícias em seu jornal online, contrapondo a importância dos rankings internacionais como uma forma de classificar IES. A universidade argumenta em direção similar à de Marginson (2007) e Hazelkorn (2013), de que rankings as vezes acabam por apagar características organizacionais específicas, tanto em suas avaliações, quanto pelo fato de algumas instituições tentarem se moldar para ingressar ou melhorar desempenho nos rankings.

A USP publicou em 2016 a notícia “Rankings oferecem retrato importante, mas incompleto da Universidade”, onde apresenta uma explicação de como rankings fazem parecer que universidades do mundo inteiro estão no

mesmo patamar econômico e social, como dito pela matéria, dando uma “[...] aparência homogênea à diversidade de instituições de ensino superior em todo o mundo.” (Naoe, 2016). A comparação entre universidades em contextos tão diferentes também foi noticiada pela UFMG em 2018, na matéria intitulada “Rankings universitários: retratos inevitáveis e imperfeitos”.

O quarto e último grupo de notícias categorizadas foi o das notícias que tem como intuito ensinar sobre rankings. Estas notícias explicam ao leitor o que são os rankings universitários, qual sua função e metodologia, ou até mesmo divulgam palestras e eventos que aconteceram envolvendo o tema. De todos, é o menor grupo de notícias: são apenas cinco, publicadas por quatro universidades: USP, UNB, UFPE e UFMS. Tais notícias se diferenciam por conter informações detalhadas de como os rankings funcionam, por exemplo a notícia publicada pela UNB em 2019, “Como os rankings medem a qualidade da educação?”, que descreve extensamente o funcionamento de rankings tanto nacionais como internacionais; ou ainda a notícia publicada em 2020 pela UFMS “Times Higher Education realizará Live no dia 03 de junho para lançamento exclusivo do Asia University Rankings 2020”. Este tipo de notícia é importante para que a sociedade compreenda melhor o que são os rankings e o que eles estão avaliando. Assim como as notícias do grupo 3, ambas servem para educar alunos, pesquisadores sobre estas ferramentas, bem como explanar as lacunas ainda existentes em seus métodos avaliativos.

Considerações Finais

O desempenho das universidades brasileiras, em um panorama geral, pode ser considerado bom, visto que, o número de universidades presentes nestas listagens, nas últimas edições dos rankings ARWU, Leiden, QS e THE, foi o maior desde o início das classificações.

No ranking ARWU houve um acréscimo de 16 universidades brasileiras, em relação a edição de 2016, totalizando 22 universidades. No Leiden Ranking, também houve aumento no número de universidades brasileiras, passando de 16 universidades, em 2016, para 30 universidades. O ranking QS foi o único a manter o número de universidades brasileiras ranqueadas, permanecendo com 22 universidades. No ranking THE houve um acréscimo de 25 universidades em relação a edição 2016, chegando ao total de 52 universidades brasileiras ranqueadas.

Os quatro rankings juntos classificaram 54 universidades brasileiras, um acréscimo de 26 novas universidades em comparação com as edições de 2016. O número de universidades nacionais quase dobrou, e este aumento traz maior visibilidade internacional para as universidades brasileiras, o que pode acarretar maiores investimentos e parcerias. O maior volume de universidades ranqueadas também resultou em maior presença dos Estados brasileiros, visto que as 54 universidades estão sediadas em 21 diferentes Estados. É de interesse destas universidades o início ou a continuidade dos estudos e discussões acerca dos rankings universitários internacionais, a

exemplo do Estado de São Paulo que vem desenvolvendo atividades neste sentido há alguns anos.

A medida em que o número de universidades brasileiras classificadas pelos rankings internacionais cresce, fica claro que a importância dada para estes rankings cresce também. A análise das notícias publicadas revela que as instituições brasileiras vêm demonstrando maior interesse neste assunto, seja por questões de reconhecimento, parcerias ou investimentos. Por mais que a maioria das notícias encontradas seja de divulgação dos resultados, foi surpreendente encontrar um número razoável de notícias sobre medidas tomadas pelas universidades para melhorar desempenho nos rankings. Isso evidencia a preocupação das universidades brasileiras com os resultados obtidos nos rankings internacionais.

Entretanto ainda se percebe que estas notícias possuem, de certa forma, um valor informativo muito baixo. Os conteúdos, além de serem em pequeno volume, consistem em breves explicações sobre os rankings. Ainda não é possível observar um interesse em aprofundar mais as discussões e debates acerca do tema rankings, ao menos refletido nas notícias publicadas pelas universidades brasileiras.

Outros rankings acadêmicos internacionais, que são conhecidos pelos estudiosos do tema, mas são menos divulgados pela mídia, como o ranking russo Three Mission Ranking, também poderiam ser analisados futuramente para entender como eles mensuram o desempenho das universidades brasileiras, e sua posição em comparação com as universidades estrangeiras. Também é interessante, para estudos futuros, uma análise detalhada sobre o impacto da pandemia de Covid-19 nas universidades e como ela influenciou no desempenho destas universidades nos rankings universitários nacionais e internacionais.

Referências

ACADEMIC RANKING OF WORLD UNIVERSITY (ARWU). **About academic ranking of world universities**. 2020. Disponível em: <http://www.shanghairanking.com/aboutarwu.html>. Acesso em: 08 nov. 2020.

ALTBACH, P.G.; HAZELKORN, E. **Por que os rankings falham ao medir a qualidade da educação**. Desafios da Educação, 2018. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/qualidade-educac%CC%A7a%CC%83o-rankings-globais/>. Acesso em: 05 fev. 2021.

ALVES, A. B. V.; DRESSLER, C. G.; VANZ, S. A. S. Rankings acadêmicos nas universidades públicas brasileiras: presença no planejamento estratégico e nas notícias institucionais. In: CALDERÓN, A. I.; WANDERCIL, M.; MARTINS, E. C. (org.). **Rankings acadêmicos e governança universitária**

no espaço do ensino superior de língua portuguesa: Angola, Cabo Verde, Macau, Moçambique, Portugal e Brasil. Brasília: Anpae. p. 164-181, 2019.

AXEL-BERG, J. Indicadores para efeito de comparação internacional no ensino superior brasileiro. *In:* MARCOVITCH, J. (Org.). **Repensar a universidade:** desempenho acadêmico e comparações internacionais. São Paulo: Com-Arte; Fapesp. p. 31-44, 2018.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.

CENTRE FOR SCIENCE AND TECHNOLOGY STUDIES (CWTS). **About CWTS.** 2021. Disponível em: <https://www.cwts.nl/about-cwts>. Acesso em: 10 mar. 2021.

COLLIER, S. **World university rankings:** frequently asked questions. 2021. Disponível em: <https://www.topuniversities.com/university-rankings-articles/world-university-rankings/world-university-rankings-frequently-asked-questions>. Acesso em: 11 mar. 2021.

DIRECTORY OF OPEN ACCESS JOURNALS. 2021. Disponível em: <https://doaj.org/search>. Acesso em: 05 set. 2021.

FAUSTO, S.; MUGNAINI, R. Os rankings como objeto dos estudos métricos da informação. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14, 2013, Florianópolis. **Anais** [...] Florianópolis: ANCIB, 2013.

HAZELKORN, E. How Rankings are Reshaping Higher Education. *In:* CLIMENT, V.; MICHAVILA, F.; RIPOLLÉS, M. (Eds.). **Los rankings universitarios, Mitos y Realidades.** Madrid: Técnos, 2013.

HAZELKORN, E. Como os rankings estão remodelando o ensino superior. *In:* CALDERÓN, A. I.; WANDERCIL, M.; MARTINS, E. C. (org.). **Rankings acadêmicos e governança universitária no espaço do ensino superior de língua portuguesa:** Angola, Cabo Verde, Macau, Moçambique, Portugal e Brasil. Brasília: Anpae. p. 22-32, 2019.

INSTITUTE FOR HIGHER EDUCATION POLICY. **Berlin Principles on Ranking of Higher Education Institutions.** Berlin: Unesco/Cepes, 2006. Disponível em: http://200.6.99.248/~bru487cl/files/Berlin_Principles_Release.pdf. Acesso em: 28 jan. 2021.

LEAL, F. G.; STALLIVIERI, L.; MORAES, M. C. B. Indicadores de internacionalização: o que os Rankings Acadêmicos medem? **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 52-73, 2018.

LEIDEN RANKING. **Indicators**. 2020. Disponível em: <https://www.leidenranking.com/information/indicators>. Acesso em: 04 mar. 2021.

MÉTRICAS.EDU. **Objetivos**. 2021. Disponível em: <https://metricas.usp.br/objetivos/>. Acesso em: 23 abr. 2021.

MORANDIN, J. L. P. L.; SILVA, N. R.; VANZ, S. A. S. O desempenho das universidades brasileiras no U-Multirank e Ranking Universitário Folha. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 7, n. 2, p. 116-136, maio/ago. 2020.

NAOE, A. Rankings oferecem retrato importante, mas incompleto da Universidade. **Jornal da USP**. São Paulo, 23 set. 2016. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/rankings-oferecem-retrato-importante-mas-incompleto-da-universidade/>. Acesso em: 28 jul. 2021.

PACKER, A. L.; MENEGHINI, R. O SciELO aos 15 anos: *raison d'être*, avanços e desafios para o futuro. In: PACKER, A. L. *et al.* (Orgs.). **SciELO – 15 anos de acesso aberto**: um estudo analítico sobre acesso aberto e comunicação científica. Paris: UNESCO. p. 15-28, 2014.

RAUHVARGERS, A. **Global university rankings and their impact**. Bruxelas: European University Association, 2011. 85 p.

RIGHETTI, S. Avaliar para comparar: os rankings britânico e chinês no ensino superior global. In: MARCOVITCH, J. (Org.). **Repensar a universidade**: desempenho acadêmico e comparações internacionais. São Paulo: Com-Arte; Fapesp. p. 45-61, 2018.

RIGHETTI, S. **Qual é a melhor?** Origem, indicadores, limitações e impacto dos rankings universitários. Orientador: Renato Hyuda De Luna Pedrosa. 2016. 230f. Tese (doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

ROBERTSON, S. L. A geopolítica dos rankings na “Classificação Mundial” das universidades. **A Página da Educação**, n. 185, p. 20-21, 2009.

SANTOS, S. M.; NORONHA, D. P. O desempenho das universidades brasileiras em rankings internacionais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 186-219, mai/ago. 2016.

TAYLOR, P.; BRADDOCK, R. International university ranking systems and the idea of university excellence. **Journal of Higher Education Policy and Management**, London, v. 29, n. 3, p. 245-260, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Assinado acordo de cooperação internacional entre UFPEL e a universidade de Melbourne. Pelotas, 28 ago.

2014. Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2014/08/28/assinado-acordo-de-cooperacao-internacional-entre-ufpel-e-a-universidade-de-melbourne/>. Acesso em: 28 jul. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Adoção do inglês em disciplinas curriculares é tema de pesquisa on-line com professores da UFSM.2019. Disponível em: <https://www.ufsm.br/2019/10/09/adocao-do-ingles-em-disciplinas-curriculares-e-tema-de-pesquisa-on-line-com-professores-da-ufsm/> Acesso em: 09 set. 2021.

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ. Assinado o acordo de cooperação com a universidade de Tóquio. Curitiba, 5 dez. 2019. Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/noticias/geral/assinado-acordo-de-cooperacao-com-a-universidade-de-toquio>. Acesso em: 28 jul. 2021.

VAN RAAN, A. F. J. Fatal attraction: conceptual and methodological problems in the ranking of universities by bibliometric methods. **Scientometrics**, vol. 62, n. 1, p. 133–143, 2005.

VANZ, S. A. S. *et al.* Rankings universitários internacionais e o desafio para as universidades brasileiras. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 23, n. 53, p. 39-51, 2018.

VANZ, S. A. S. O que medem os rankings universitários internacionais? Apontamentos teóricos, indicadores e características. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 28, n. 2, p. 83-92, maio/ago. 2018.

VANZ, S. A. S.; SILVA FILHO, R. C. O protagonismo das revistas na comunicação científica. *In*: CARNEIRO, F. F. B.; FERREIRA NETO, A.; SANTOS, Wagner dos. **A comunicação científica em periódicos**. Curitiba: Appris. p. 19-44, 2019.